

Ex-ministro admite votar pelos 4 anos

ANC

JORNAL DE BRASÍLIA

9.5 AGO 1987

Recife — Uma semana depois de se demitir do cargo, o ex-ministro Joaquim Francisco Cavalcanti, disse ontem que votará por um mandato de quatro anos para o presidente Sarney na constituinte e, que dependendo do regime de governo estabelecido na nova na Nova Constituição, não hesitará em subir nos palanques das diretas—88: «Porque para se chegar a cinco anos teria que se redimensionar a Aliança Democrática, se não vão faltar cargos para se vencer mais um ano e meio com esse Governo». Ele não descartou a possibilidade de deixar o PFL, que estaria, na sua opinião, traíndo seu programa partidário.

Da forma como as coisas estão, segundo o ex-ministro, «com essa desadministração», não há outra opção a não ser as diretas—já, «porque não vamos permitir fortalecer um governo através de um golpe. A via tem que ser democrática, é pelo voto» — afirmou. O que o impede de aderir a campanha pelas diretas, nesse momento, é a indefinição do sistema de Governo, «porque dependendo do que a Constituição decidir — parlamentarismo ou presidencialismo — vamos definir o tipo de campanha a se desenvolver».

Joaquim Francisco não poupou críticas a Aliança Democrática, que teria criado um parlamentarismo «as avessas, com Ulysses Guimarães no cargo de Primeiro-Ministro». A Aliança, para ele, está «paralítica», e luta apenas para ocupar cargos: «É preciso repensar esse processo da Aliança. O que existe é uma subversão total do processo iniciado por Tancredo. Não há problemas em se dividir poderes, mas precisa se estabelecer diretrizes, alguém que comande essa salada».

O ex-ministro também criticou o processo adotado pelo presidente Sarney para o preenchimento dos cargos, que se faz de forma «muito demorada, em prejuízo da máquina administrativa». Esse tipo de procedimento levou Joaquim Francisco a concluir que só há duas explicações: «Ou não se tem técnicos para ocupar os cargos ou não se tem capacidade de decisão para nomear pessoas». Não existe, de acordo com o ex-ministro, dentro desse «quadro de falta de comando, ministério administrável».

Depois de negar que esteja se distanciando politicamente do presidente do PFL, Marco Maciel — que o indicou para o ministério — Joaquim Francisco defendeu uma «reciclagem» do seu partido, «por não estar cumprindo com seus compromissos» e se isso não acontecer ele disse que seguirá seu próprio caminho.

Covas prega retomada da linha original

«O partido engordou muito depois das eleições do ano passado. Ficou gordo e fraco, com sua resistência muito abalada» — começou o líder do PMDB na Assembléia Constituinte, senador Mário Covas. Na sua opinião, o PMDB precisa retomar a sua linha original, de agremiação de centro-esquerda, comprometido com as reivindicações populares.

O senador paulista não hesitou em apontar grandes falhas no comportamento do PMDB, lembrando que «muitos dos que foram eleitos pela legenda partidária nunca tiveram e continuam não tendo quaisquer compromissos com a nossa luta de mais de 20 anos».

Mário Covas voltou a dizer que não está cogitando trocar de partido. «Se algum dia examinar esta possibilidade, seria para ingressar num partido igual ao PMDB de antes» — disse ele. O líder da Constituinte continua conversando com muitos dissidentes, tentando movê-los de trocar de legenda. Ontem, Covas almoçou com o deputado Fernando Lyra (PE), ex-ministro da Justiça e um dos principais coordenadores do movimento separatista.